

# Aplicativos de relacionamento como artefatos culturais tecnológicos: masculinidades em tempo de apagamento das diferenças

**MÁRIO FELLIPE FERNANDES VIEIRA VASCONCELOS**

[HTTPS://ORCID.ORG/0000-0003-2805-1312](https://orcid.org/0000-0003-2805-1312)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC), PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

[FERNANDESVV10@GMAIL.COM](mailto:FERNANDESVV10@GMAIL.COM)

**TIAGO DUQUE**

[HTTPS://ORCID.ORG/0000-0003-1831-0915](https://orcid.org/0000-0003-1831-0915)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL (UFMS), CAMPO GRANDE – MS

[TLAGO.DUQUE@UFMS.BR](mailto:TLAGO.DUQUE@UFMS.BR)

## Introdução

A produção de masculinidades tem sido estudada por diferentes áreas disciplinares, a partir dos mais variados enfoques e experiências teórico-metodológicos. Neste artigo, interessa-nos analisar as experiências de homens ao usarem aplicativos de encontros afetivo-sexuais, especialmente aqueles voltados para o público gay, levando em consideração o currículo e a pedagogia cultural que está presente nessa produção generificada de si e de outros usuários desses artefatos culturais tecnológicos. Ao nos referirmos a essas experiências, entendemos que elas são frutos e, ao mesmo tempo, responsáveis por processos de ensino e aprendizagem culturais, altamente complexos e contextuais. Mais do que esgotar

as possibilidades analíticas do que vem se constituindo enquanto homem, pretendemos apontar para alguns aspectos das masculinidades contemporâneas.

Sabemos que as experiências de homens em interação por meio de aplicativos com objetivos de encontros afetivo-sexuais, sendo eles gays ou não, são possíveis por meio de um processo instaurado no século XX e caracterizado pela fusão progressiva dos repertórios do mercado com as linguagens do eu: o “capitalismo afetivo”. Segundo Eva Illouz (2011: 8), “o capitalismo afetivo é uma cultura em que os discursos e práticas afetivos e econômicos moldam uns aos outros”. Nessa experiência cultural, “os afetos se tornaram entidades a ser avaliadas, discutidas, negociadas, quantificadas e mercantilizadas” (Illouz, 2011: 154-155).

Esse processo de mudança do capitalismo foi deflagrado no contexto do que Lipovetsky (1983) chamou de “segunda revolução individualista”, isto é, “um processo cultural generalizado de individualização e psicologização que transformou profundamente os mecanismos políticos e sociais da responsabilidade no seio das sociedades capitalistas avançadas” (Cabanas & Illouz, 2022: 82). Esse fenômeno que articula a sensibilidade e a sexualidade na construção da pessoa na cultura ocidental moderna é investigado por Duarte (1999) quando este discorre sobre a emergência entre os séculos XVII e XVIII do que chama de “dispositivo da sensibilidade”:

Esse dispositivo surge no mesmo momento histórico em que Foucault localiza o surgimento do dispositivo da sexualidade, a passagem da lógica do sangue para a da sexualidade, do dispositivo de aliança para o da sexualidade. Muitas coisas estão em jogo nesse modelo, na construção ideológica e institucional envolvida nesse dispositivo. (Duarte, 1999: 24).

Esses dispositivos de excitação e de sensibilização que emergem no contexto da modernidade e são analisados por Duarte (1999) moldaram o que entendemos hoje como subjetividade moderna ocidental, que foi, ao longo do tempo, incorporando outros recursos de excitação e sensibilização ancorados nessa tensão estruturante entre maximização da vida e otimização do corpo.

Compondo esses recursos atuais que emergem na contemporaneidade, surge o que Miskolci (2017) cunhou de uma “era digital”, marcada pela conexão em rede por meios comunicacionais tecnológicos, caracterizados como digitais. Esse cenário fez com que passasse a existir uma certa economia política dos *likes* por meio da plataformação da sociedade, ou seja, reconhecemos que há uma inextricável relação entre plataformas online e estruturas societárias (Poell, Nieborg & Van Dijck, 2020). Portanto, não estamos aqui nos interessando por um mundo à parte, por ser ele mediado digitalmente. Não buscamos separar o suposto “real” do “virtual”, mas entender as masculinidades exatamente em tempos e realidades em que um não se concretiza sem o outro (Souza & Duque, 2020; Saraiva & Vasconcelos, 2021; Saraiva & Vasconcelos, 2023; Vasconcelos & Pelúcio, 2019; Pelúcio & Vasconcelos, 2020).

Isso significa que “como as grandes empresas que dominam o mercado digital hoje (*Google, Amazon, Facebook, Microsoft*), nós também temos operado com a dataficação, mercantilização e seleção algorítmica de nossos afetos, de nossa vida privada” (Pelúcio & Vasconcelos, 2020: 10). Mas, como isso ocorre em se tratando de homens em buscas de encontros afetivo-sexuais em termos curriculares e pedagógicos? Ao nos referirmos ao que há de curricular nas buscas de encontros afetivo-sexuais entre homens, estamos remetendo ao conteúdo de gênero e sexualidade que se aprende e se ensina em termos

culturais, em contextos de “capitalismo afetivo” em uma “era digital”. Assim como quando nos referimos à questão pedagógica, interessa-nos compreender como esse conteúdo é didaticamente aprendido e ensinado, independentemente de uma suposta agência autodefinidora dos sujeitos envolvidos, antes, por meio dos processos socioculturais implicados e produtores dessas experiências (Seffner, 2016).

Sabemos que “estamos capturadas e capturados por esse modelo que tornou a felicidade um imperativo individualizado e individualizante que pode ser mensurado digitalmente” (Pelúcio & Vasconcelos, 2020:11). Esse contexto resultou em um colapso do social em detrimento do psicológico, instituindo um currículo e uma pedagogia sociocultural centrada na maximização do eu e do espraioamento dessa lógica a todos os domínios da vida social.

Essa revolução permitiu que os déficits, as contradições e os paradoxos estruturais dessas sociedades fossem assimilados como atributos psicológicos e responsabilidades individuais. Aspectos como o trabalho passaram a ser cada vez mais entendidos como assunto da ordem de projetos pessoais, criatividade e empreendedorismo; a educação, como área ligada a competências e talentos individuais; a saúde, como questão de hábitos e estilo de vida; o amor, como matéria de identificação e compatibilidade interpessoais; a identidade, como escolha e personalidade; o progresso social, como tema relacionado ao crescimento e desenvolvimento individuais; e assim por diante (Cabanas & Illouz, 2022: 82).

Dito isto, resta-nos investir em melhor compreender esses artefatos tecnológicos (os aplicativos de busca de parceiros), enquanto “locais pedagógicos” (Shirley Steinberg, 1997), isto é, onde o poder se organiza e se exercita, com seus currículos e pedagogias altamente envolventes, devido a seus recursos econômicos e apelo afetivo, que tanto mais serão eficazes quanto mais inconscientes forem (Silva, 2001) Afinal, sabemos que essas pedagogias de gênero e sexualidade, juntamente com seus currículos, generificados e generificantes, sexualizados e sexualizadores, “produzem valores e saberes; regulam condutas e modos de ser, fabricam identidades e representações, constituem certas relações de poder” (Sabat, 2001: 9). Cabe acrescentar que nas interações por meio de aplicativos de relacionamento infraestrutura tecnológica e relacionalidade se interconectam mutuamente, o que quer dizer que há uma agência<sup>1</sup> tanto da plataforma sobre as interações como o contrário, ou seja, que as formas dos usuários se relacionarem e as transformações experimentadas na esfera macrossocial produzem mudanças na infraestrutura da plataforma. Essa agência dos aplicativos que aparece por meio do trabalho dos algoritmos é dotada da intenção projetada (Velho, 2003) que objetiva “estimular a descoberta social on-line, cujo significado simbólico marcante alude à busca e ao encontro afetivo-sexual” (Santos, 2021: 8).

As entrevistas que analisamos foram realizadas por um dos autores deste artigo. Mário Fellipe utiliza um perfil com o nome Pesquisador e deixa claro na descrição se tratar de uma pesquisa acadêmica: “Pesquisador estudando interações afetivo-sexuais no contexto digital. Deseja colaborar?”. Para fins de análise para escrita deste artigo utilizamos duas entrevistas. Esses dois entrevistados<sup>2</sup> foram selecio-

1 O conceito de agência é trabalhado neste texto a partir de uma perspectiva que considera as possibilidades de diversos modos de existência e produção de realidade, incluindo neles os não-humanos (Latour, 2012; Donna Haraway, 1995). Os aparatos tecnológicos digitais são portadores de agência na medida em que agem na infraestrutura do aplicativo conformando certos modos de uso e engajamento por parte dos usuários.

2 Os nomes dos usuários utilizados no artigo são fictícios.

nados por meio de contatos on-line no *Grindr*, um aplicativo de encontros afetivo-sexuais. Os relatos desses dois usuários nos despertaram interesse acadêmico, pois eles reuniam dados que nos possibilitaram pensar a relação entre a produção atual das masculinidades e o contexto do capitalismo afetivo. As entrevistas foram realizadas no ano de 2022, através da plataforma *Google Meet*. Seguiu-se um roteiro com 25 perguntas que incluíam desde questões que visaram mapear o perfil sociodemográfico dos usuários a questões sobre os usos que os usuários faziam da plataforma de busca. O recorte metodológico para a realização deste estudo centrou-se nos discursos produzidos pelos usuários em suas interações no *Grindr*. O *Tinder* aparece em seus discursos com uma finalidade de comparar formas diferentes de usos. Apresentamos para os leitores e leitoras uma descrição sucinta do funcionamento do *Tinder* tendo em vista que ele apareceu nos discursos analisados.

O *Grindr*, em seu site, é apresentado como “o maior aplicativo de rede social do mundo para homens gays, bissexuais, pessoas trans e queer” (Grindr, s.d). A interface do aplicativo consiste em uma grade onde os perfis ficam localizados lado a lado, seguindo o critério da geolocalização. O aplicativo foi lançado em 2009 e é utilizado praticamente em todos os países do mundo e contém mais de 11 milhões de usuários ativos (Bloomberg, 2022). Durante as entrevistas, os dois interlocutores contaram também sobre um outro aplicativo que usam com frequência: o *Tinder*. Este, em seu site, é divulgado como sendo “um aplicativo de namoro online e rede geossocial. No *Tinder*, os usuários ‘deslizam para a direita’ para curtir ou ‘deslizam para a esquerda’ para não gostar dos perfis de outros usuários, que incluem sua foto, uma pequena biografia e uma lista de seus interesses” (Tinder, s.d). O aplicativo foi lançado em 2012 e está presente em 190 países.

Diferentemente do *Grindr*, o *Tinder* é um aplicativo utilizado também pelo público heterossexual. Segundo informações que constam em seu site, o aplicativo “não filtra resultados com base em altura, escolaridade, raça ou religião” (Tinder, s.d), o que o difere do *Grindr* que utiliza filtros dessa natureza, a fim de possibilitar encontros com pessoas que possuam características próximas à lista de interesses do usuário. Outra diferença é que para dar início a uma interação a partir do chat com outro usuário no *Tinder* é necessário que ambos deem *match* (assinalem interesse mútuo), recurso inexistente no *Grindr*, o que acaba tornando as interações mais imediatas, na medida em que se pode interagir com outro usuário sem que haja sincronidade de interesses.

O primeiro entrevistado que apresentamos é Márcio. Ele tem 42 anos, é solteiro, disse não saber se autodeclarar perante a categoria cor, mas durante a pesquisa foi possível heteroidentificá-lo como pardo. É professor e possui doutorado. Márcio utiliza no seu perfil fotos de rosto e corpo. As fotos de corpo mostram ele na praia. As fotos dão ênfase ao corpo de Márcio, que aparece na maioria delas de sunga. Ele se identifica como gay e diz que está no aplicativo em busca de um relacionamento amoroso. Para alcançar esse objetivo, utiliza os dois aplicativos de relacionamento aqui já citados. Embora os usos que ele faz dos dois aplicativos sejam diferentes, Márcio utiliza as mesmas fotos em ambos. Sua principal expectativa no uso dessas plataformas consiste em encontrar um parceiro para namorar: “O que eu queria mesmo era gostar do cara a ponto de que a gente, tanto eu quanto ele, quiséssemos nos encontrar de novo, e de novo, e de novo, e daí desenvolver um namoro”.

O segundo interlocutor deste estudo é Rodrigo. Ele tem 27 anos, é solteiro, autodeclarado pardo e se compreende como homossexual. As fotos que Rodrigo utiliza nos dois aplicativos são imagens que ressaltam seu rosto, mas também fotos tiradas em viagens que já realizou. Em suas fotos, ele não dá muita ênfase ao corpo. Seu rosto sorrindo nas fotos e o uso de recurso de filtros clareadores acentuam as características físicas que ele considera atrativas. Com ensino superior completo, Rodrigo está cursando a segunda graduação. No período em que [Suprimido] o entrevistou, ele estava trabalhando como professor de línguas estrangeiras. Rodrigo também utiliza o *Tinder* para estabelecer interações afetivas e sexuais com outros homens.

A seguir, dividiremos esse artigo em três partes. Na primeira, utilizaremos o relato de dois usuários do *Grindr* e do *Tinder* para compreender como os aplicativos de busca de parceiros funcionam como um local pedagógico no exercício da masculinidade, orientando condutas e instituindo modos de interação específicos. Em um segundo momento, pensaremos a dimensão curricular a partir de seu aspecto cultural, de seu conteúdo emocional e da maneira como ele atua como um importante dispositivo cultural do capitalismo afetivo, no seu exercício de gestão dos afetos e da subjetividade. Por fim, concluiremos argumentando que esses artefatos tecnológicos instituem pedagogias culturais e afetivas pautadas em modelos disseminados não só pela indústria em uma era digital, mas também por essa nova versão plataformizada do capitalismo, ancorada no constante aprimoramento do eu, na curadoria de sua imagem pessoal e no controle hiper-racional do tempo.

## Pedagogias culturais no contexto do capitalismo afetivo

As imagens são muito importantes na prática pedagógica dos aplicativos para encontros afetivo-sexuais. O perfil de Rodrigo contém algumas fotos suas de rosto e fotos de viagens. No contexto da entrevista, Rodrigo resalta que no *Grindr* costuma interagir com perfis formais, ou seja, para ele é importante que um perfil além de fotos atrativas contenha informações pessoais, como gostos, preferências, estilo de vida. Essas informações imagéticas (“fotos atrativas” e “informações pessoais”) prévias são relevantes para Rodrigo interagir com outro usuário, pois é a partir da observação e leitura dessas pistas que ele elabora uma imagem da pessoa com quem está conversando e avalia se vale a pena prosseguir. Márcio, por sua vez, nos informa que perfis de “gente novinha”, perfil “de gente que fuma”, perfil de “gente que bebe”, perfil de “gente que apresenta fotos muito sensualizadas, quase beirando ao pornô” não lhe atraem. As imagens, portanto, são partes didaticamente importantes quando se busca interação on-line, mesmo em outros espaços que não os aplicativos aqui em questão.

Pais (2016: 192) afirma que, no contexto de sua pesquisa realizada em chats de bate-papo com mulheres, “as primeiras informações são importantes porque elas ajudam a definir a situação, facilitando a comunicação. Exploram-se, com pormenor e ansiedade, pistas identificatórias das personagens com quem se fala”. Para Rodrigo, “escolher muito é algo positivo, pois diminui os riscos. As restrições que eu faço acabam me ajudando. Se eu for encontrar alguém, tem alguma coisa a mais, teve alguma vontade de abandonar tudo para conhecer aquela pessoa”. Márcio também defende a escolha a partir

de alguns critérios, como não se encontrar com afeminados como ele, afirmando que “no meu desejo sexual, quem manda sou eu, quem decide sou eu, quem define sou eu”.

O cálculo antecede à proposta e tem um valor fundamental na efetivação dos encontros presenciais, que é a finalidade dos dois interlocutores. Mas isso “sem perder tempo”, isto é, sendo objetivo. Ir para o presencial envolve a mobilização de um entusiasmo e a combinação de expectativas que façam valer a pena o esforço, o investimento, pois o controle do tempo tem uma dimensão fundamental na dinâmica de suas interações. Conforme afirma Pelúcio (2017: 15), “no amor, assim como no mercado, é preciso ter cautela. Arriscar-se pode ser excitante, e as paqueras mediadas parecem unir o melhor de dois mundos: ter o gozo da aposta sem a frustração da perda”.

O que percebemos com isso é que as imagens de masculinidade por meio das “fotos atrativas” de Rodrigo só fazem sentido se acompanhadas de suas “informações pessoais”. Por sua vez, independente do texto que acompanha as imagens, Márcio é direto em relação a avaliar que gente com fotos “quase beirando ao pornô” e homens afeminados não o atraem para o diálogo. Nesses processos de objetividade e valorização do tempo, os aplicativos acabam funcionando também como uma tecnologia de gênero (De Lauretis, 1994), produzindo masculinidades buscadas não só na imagem, mas também nas “informações pessoais” e “posição sexual”, o que se garante na maneira de interagir com diálogos curtos e diretos. Nesse sentido, se há uma imagem hegemônica de masculinidade em jogo na pedagogia aqui em discussão, por estar construída em torno de certa posição central de autoridade existente em relação a outros tipos de masculinidade e também de feminilidades (Connell & Messerschmidt, 2013), ela é inteligível não apenas pela imagem em si, mas por informações outras que garantam a aposta no diálogo e na interação objetiva sem riscos.

O conceito de masculinidade hegemônica se mostra interessante para se pensar na maneira como os usuários empreendem a si mesmos e se relacionam “entre iguais” nos aplicativos de relacionamento tomando como referência certos modelos de masculinidade, assentados no domínio e no controle de uma posição central de autoridade em relação a outras formas de construção da masculinidade. Como afirmam Connell e Messerschmidt (2013), pensar o conceito de masculinidade hegemônica é entender a estrutura da ordem de gênero como um todo, é compreender como modelos que são difundidos socialmente sobre o que é ser homem, embora não correspondam verdadeiramente à vida de nenhum homem real, orientam modos de ser e práticas sociais. Pelos dados aqui analisados, é possível perceber que esse modelo pouco mudou ao longo das últimas décadas.

Esse tipo de masculinidade é definido a partir da intensificação do desprendimento afetivo performado a partir de conquistas seriais (Miskolci, 2017). Segundo Illouz (2012), o sexo acumulativo ou em série tem feito parte da nova economia sexual, desde meados do século XX. A possibilidade de homens e mulheres terem muitos parceiros sexuais foi viável em um contexto marcado pelos efeitos da revolução sexual e cultural e pelo crescimento da indústria de massa, através do cinema e da publicidade, que passou a promover uma erotização dos corpos, por meio da valorização do “*sex-appeal*”.

A sexualidade acumulativa ou em série é atraente para os machos de todas as classes sociais porque, se o acesso às mulheres está restrito, funciona como símbolo de status masculino, de triunfo sobre outros machos. A validação, o sentido da competição e do status dos homens se canalizaram no âmbito da sexualidade [...] Os homens transferiram para o sexo e para a sexualidade o controle que antes exerciam no lar, assim, o campo sexual se transformou no âmbito onde podiam expressar e exibir suas autonomia e autoridade. O desapego na sexualidade passou então a simbolizar e organizar o tropo mais amplo da autonomia e do controle, ou seja, da masculinidade (Illouz, 2012: 102-103).

Segundo Márcio, o *Grindr* é um aplicativo para sexo, um *cardápio*:

Noventa por cento das pessoas no aplicativo não mostram o seu rosto. Botam peito, botam bunda, botam coxa, botam braço, botam uma foto sensual. Os caras tentam esconder sua verdadeira identidade e cada um diz logo qual é o seu papel: se é ativo, se é passivo, se é versátil na cama. É uma coisa muito de momento. Ninguém entra lá pra paquerar. Você entra lá para dizer: eu estou disponível para fazer sexo agora. (Entrevista)

Segundo este usuário, o motivo dele se manter conectado à plataforma se justifica pelo fato dele trabalhar muito, sair pouco e não dispor de tempo para investir na busca por uma pessoa em outros espaços. Percebemos que o discurso de Márcio põe em tensão diferentes formas de normatividades e moralidades que atravessam a maioria dos usos dos aplicativos de busca por parceiros, nos quais é sempre o outro que ocupa o lugar de promíscuo, de sujo, de superficial, dentre outras classificações morais acionadas nesse tipo de interação. Embora Márcio seja um usuário do aplicativo, ele avalia os usuários e as interações no aplicativo de forma distante, como se não estivesse lá, como uma forma de se diferenciar, de se limpar do estigma que historicamente é associado às práticas homossexuais. Ao não se incluir na avaliação que faz daquelas práticas, ele preserva sua imagem e produz uma análise moral e estreita dessas plataformas, experiência cultural que não se restringe apenas a aplicativos com esse perfil (Melo, 2020; Duque & Seffner, 2022; Vasconcelos, 2023) e tampouco ao digital e a grandes cidades (Marques, 2015; Padilha, 2019; Passamani, 2015).

Para Han (2018: 41), “a escrita transparente apenas reúne informações aditivas, não sendo capaz da produção do inteiramente outro, do singular”. Ao disponibilizar todos os outros usuários lado a lado em uma grade visível, o outro deixa de ser apreendido em sua outridade para ser apropriado como um objeto de consumo. A lógica da rotatividade incitada por essas interações e o desprendimento emocional como elemento definidor das masculinidades emulam um cenário de soberania, do eu frente ao seu dispositivo libidinal e, conseqüentemente, uma diminuição do papel da alteridade, que passa a ser acessória, servindo apenas para medir o grau de desejabilidade do eu. “Se o outro é roubado de sua alteridade, ele se deixa, então, apenas consumir” (Han, 2021: 101). Trata-se, portanto, de um local pedagógico em que o desejo<sup>3</sup> orienta as interações, ao mesmo tempo em que anuncia, passo a passo, o seu fim.

Illouz (2011) afirma que a imaginação pré-moderna se caracterizava como “fraca de informações” sobre o outro, o que quer dizer que nos relacionávamos com uma pessoa sem saber muito sobre

3 A noção de desejo é aqui compreendida a partir de uma perspectiva sociológica que o enxerga como sendo resultado de um conjunto de dispositivos sociais. “O desejo é um eixo articulador entre o sujeito e a sociedade, sendo moldado na interação social” (Miskolci, 2017: 27)

ela. A avaliação intuitiva nos permitia ver o outro de maneira holística e não de modo parcelado, por meio dos gostos e preferências. Não que no contexto presencial exista uma atuação plena dos sentidos, mas se verifica uma inversão no roteiro do flerte. No contexto dos aplicativos de busca de parceiros, apreendemos o outro de maneira metonímica, através de uma série de opções e preferências disponíveis de antemão que levam em consideração aspectos como idade, “em busca de” (conversa, namoro, amigos, contatos, relacionamento, agora, não especificado) e “tribos” (urso, elegante, daddy/papai, discreto, nerd, atlético, couro, lontra, soropositivo, rústico, trans, garotos, sóbrio, não especificado), para só depois conhecê-lo de forma holística.

Segundo Illouz (2011), a antiga maneira romântica de ver o amor como uma espécie de “queda inesperada” foi invertida, pois a partir dos sites de namoro e programas de parceiros passamos a definir critérios e desejos com antecedência, o que significa para ela uma forma de voltarmos a um tipo de casamento por conveniência. Assim, “o próprio método de tomada de decisão racional impede o surgimento da emoção de amor, já que atrapalha a avaliação intuitiva, além de criar uma abordagem parecida com a de um consumidor no mercado” (Liv Stromquist, 2021: 34). Embora concordemos que não existam relações sociais desinteressadas, o foco que queremos imprimir a essas interações é a maneira como, a partir da mediação tecnológica dos aplicativos de relacionamento, elas atualizam as formas de homens se relacionarem sexual e afetivamente, e como isso afeta a produção das masculinidades contemporâneas. Não é à toa que para os interlocutores a ideia de investimento parece valiosa.

Na imersão nos aplicativos para busca de parcerias sexuais e/ou amorosas temos a impressão de otimizar o tempo, de economizar recursos financeiros e emocionais. Sem sair de casa ou do trabalho, temos acesso a um vasto catálogo de perfis. As recusas não são publicizadas, doem na solidão da tela e podem ser amenizadas pela permanência no jogo, o que pode dar a sensação de que somos nós que estamos escolhendo, mais do que estarmos sendo escolhidas/os (Pelúcio, 2022: 213).

Márcio não dá lance no “escuro”. Ele nos ensina que para ser um bom investidor é preciso fornecer apenas algumas informações sobre si, nunca todas. Ter informações é importante para se fazer um cálculo adequado do investimento. No entanto, se o perfil tem informações em excesso, isso é interpretado como um risco, pois pode matar a interação, o desejo que precisa de uma certa opacidade para se manter vivo. Rodrigo, por sua vez, aponta que, para investir, é preciso ter certeza de que vale a pena. Há, portanto, uma maneira de se calcular o tempo de certos investimentos afetivos e os riscos que estão em jogo no espaço pedagógico dos aplicativos. Esse processo de colonização do tempo e do espaço pelas mercadorias e pela intensificação das tecnologias digitais é chamado por Bem Agger (*apud* Illouz, 2011) de *fast capitalism*. Essa versão rápida do capitalismo possui duas características: “primeiro, a tecnologia capitalista tende a compactar o tempo, a fim de aumentar a eficiência econômica; segundo, o capitalismo tende a causar a erosão das fronteiras e a negar às pessoas espaço e tempo privados” (Bem Agger *apud* Illouz, 2011: 123).

Nesse contexto pedagógico de eficiência e valorização do tempo, somadas às ideias de que as informações não necessariamente devem ser valorizadas em seus excessos e de que as experiências dos aprendizados passam não só pelo desejo, mas também pelo seu fim, Rodrigo nos oferece um exemplo

interessante dos limites desse local pedagógico. Para ele, a lógica da abundância expressa em uma infinidade de perfis dispostos a interagir a todo instante o impede de olhar com calma, de escolher somente um. Segundo ele, a facilidade que a internet o coloca em contato com várias opções de pessoas acaba por facilitar tanto, oferecer tanto que fica difícil escolher. Ele compara esse exercício ao tipo de entretenimento oferecido pelas plataformas de *streaming* atualmente, dando o exemplo da *Netflix*: “são tantas opções de filme que eu não assisto”.

Nesse clima e espaço, “novos sujeitos são imbuídos a administrar cuidadosamente seu capital vital, avaliando sempre o complicado balanço entre os riscos e os prazeres na hora de escolher livremente as opções emanadas pelo cardápio de produtos e serviços oferecidos no mercado” (Sibilia, 2015: 241). Não é à toa que, pedagogicamente, “a responsabilidade individual, o autocontrole e a competitividade são capacidades necessárias quando impera a lógica automatizada do *self-service*, e quando o desempenho visível ofusca aquelas essências hospedadas na velha interioridade oculta” (Sibilia, 2015: 241). A “busca permanente” identificada por Márcio ao usar e frequentar os aplicativos *Grindr e Tinder* indica o quanto, como diz Illouz (2011: 162), “as fantasias nunca foram tão abundantes e múltiplas, mas talvez tenham se tornado estéreis, por estarem se desconectando da realidade, organizando-se cada vez mais dentro do mundo hiper-racional das escolhas e das informações sobre o mercado”.

Ainda assim, alguns momentos de tréguas são buscados e valorizados pelos interlocutores. Embora Rodrigo utilize os aplicativos *Grindr e Tinder* há bastante tempo, ele deixa claro, por vezes, que prefere conhecer pessoas em ambientes presenciais, por considerá-los *mais seguros*. Ao mesmo tempo em que os contatos digitais são intensos, acionando suas fantasias e criando expectativas que conduzem as interações de Rodrigo com outros usuários, eles costumam ser breves, pois ele rapidamente perde o interesse. Márcio, por sua vez, possui um nível de exigência bastante elevado no que diz respeito às pessoas que são do seu interesse. Por isso, quanto mais próximo dele, geograficamente, materialmente, intelectualmente e subjetivamente, menos riscos e mais chances. Estar mais próximo do seu estilo de vida parece mobilizar seu entusiasmo e conferir mais segurança, aumentando as chances da efetivação do encontro presencial. Ao mesmo tempo, indica o quanto o interesse se perde quando esse nível de exigência não é cumprido com quem ele interage.

Segundo Pelúcio (2019), essa perda de interesse rápida está associada a uma contradição associada, tanto para héteros como para homossexuais, a uma aposta no par como passaporte para a felicidade e na suposição de que ao fazer essa aposta deixar-se-ia de viver outras experiências ainda melhores. Para os homens, isso nos parece ainda mais significativo dada a pobreza de uma gramática afetiva na educação emocional masculina. Expressar sentimentos, refletir sobre eles, discutir a relação, cumprir com os acordos de uma relação parecem colocá-los em uma posição desvirilizante. Nesse sentido, Miskolci (2017: 18), ao avaliar o contexto das relações em aplicativos de paquera heterossexual, afirma que “a automatização da busca de parcerias se revela um exercício subjetivo generificado que molda parte das masculinidades contemporâneas”. A pedagogização da masculinidade, nesse sentido, encontra similaridade com outros processos de aprendizado: “como a extensão adulta de sua iniciação nos games que já fizeram parte da infância ou adolescência daqueles nascidos a partir de 1970” (Miskolci, 2017: 18).

A similaridade está no fato de que, nos games como nos aplicativos, “se incita a uma forma de lazer indissociável de um treinamento performativo”, isto é, “vencer uma batalha, superar obstáculos, arriscar-se em aventuras se estende à busca de parceiras em interações mediadas em que a alteridade é inserida em um imaginário masculino, em que a conquista é o objetivo central” (Miskolci, 2017: 18).

Essa similaridade fica visível quando Márcio afirma enxergar o aplicativo como um jogo, onde cada usuário possui uma posição específica no tabuleiro. A interação é compreendida por ele através de uma sequência de atos que envolvem: 1) Cálculo dos riscos que consiste na leitura e avaliação dos perfis; 2) Primeiros investimentos que consistem no envio de fotos e nas primeiras interações estabelecidas com outros usuários; 3) Primeiras apostas que consiste em fazer interações mais diretas como, por exemplo, perguntar o bairro onde a pessoa mora, inquirir acerca das expectativas do outro usuário, já adentrando nas perguntas sobre as preferências sexuais; e 4) proposta que consiste na marcação do encontro presencial propriamente dito. Esse roteiro didático-pedagógico não necessariamente é seguido nessa mesma ordem por todos os usuários do *Grindr* e *Tinder*, podendo variar de usuário para usuário. Há quem comece interagindo já enviando ou pedindo um *nude*, há quem comece a interação perguntando: “a fim de quê?”, “a fim agora?”, o que demonstra que as interações, embora sejam, em sua maioria, roteirizadas, possuem especificidades que mudam a depender do usuário e do contexto em que ele utiliza os aplicativos.

## **Currículo e conhecimento disruptivo em tempos neoliberais**

Ainda que “a tecnologia da internet parece exacerbar uma dimensão da experiência tida como nitidamente moderna, qual seja, a disparidade entre as expectativas e as experiências” (Illouz, 2011: 137-138), o conteúdo curricular dessa experiência é inegável. Há, por exemplo, um perfil de masculinidade que já foi apontado por Márcio como sendo o que ele se interessa quando busca encontros afetivo-sexuais. Para Rodrigo, nos encontros presenciais, um critério fundamental que determina suas escolhas também é a aparência e, logo em seguida, o critério etário (perfis de 27 a 35 anos), que não estão desassociados. Prefere também os perfis formais – o equivalente aos “discretos”. O verniz do desejo ainda é heterossexual. Como na época de Perlongher (1987), o desejo pelo “homem de verdade” ainda orienta o desejo homossexual em tempos de aplicativos. Conforme afirmam Miskolci e Pelúcio (2008: 13) ao analisar a dinâmica do negócio do desejo homossexual investigado por Perlogher no contexto dos anos 1980, “o desejo é homo-orientado, mas o objeto do desejo tem que parecer hétero”.

Assim, em termos de conteúdo curricular, há continuidades valorativas de uma masculinidade valorizada, em alguns contextos tida como hegemônica, já estudadas em outras pesquisas (Moreli & Pereira, 2018; Mota & Couto, 2019; Zago, 2013; entre outros). Para além desse conteúdo conceitual e informativo de masculinidade, há outros aprendizados curriculares que nos interessam nesse local pedagógico, por meio da interação que ele permite. Parte desses aprendizados estão diretamente relacionados às práticas já expostas aqui na seção anterior. Conforme apontado em relação à pedagogia, faz-se necessário pensar o currículo a partir de um conteúdo emocional nos termos colocados por Safatle (2021: 30-31): “a genera-

lização da forma-empresa no interior do corpo social abriu as portas para os indivíduos se autocompreenderem como ‘empresários de si mesmos’”. Para isso, curricularmente há algo a ser cumprido:

definir a racionalidade de suas ações a partir da lógica de investimentos e retorno de “capitais” e que compreendem seus afetos como objetos de um trabalho sobre si tendo em vista a produção de “inteligência emocional” e otimização de suas competências afetivas (Safatle, 2021: 30-31).

O modo de usar o tempo, de selecionar os perfis e de se colocar visível no aplicativo exige conhecimentos específicos de certas “competências afetivas”, que vão sendo aprendidos e colocados inteligente e emocionalmente à prova para se evitar frustrações e fracassos. “Acione o modo *mindfull*<sup>4</sup>: esteja disponível para novas aventuras (ou para novos *matches*, *crushs*); não hesite e não pare; não se prenda a pactos e não nomeie as relações, isso limita a sua experiência; seja livre, mesmo que isso doa um pouco” (Pelúcio, 2022: 207). Mesmo porque no contexto das interações mediadas e do capitalismo neoliberal<sup>5</sup>, o fracasso emerge como um tema proibido, onde a dor precisa ser evitada ou submetida a uma lógica de desempenho.

Rodrigo, por exemplo, usa o *Tinder* a partir de uma atitude selecionadora, com critérios de seleção acionados a fim de evitar os riscos e adiar as frustrações. Ele não considera essa atitude algo negativo, mas importante em suas buscas, pois o ajuda em suas escolhas. Diminuir as pessoas pelas características que busca em um grupo específico de usuários é diminuir também a chance de fracassar; é diminuir as demandas emocionais que a interação com cada perfil suscita. A presença do risco em fracassar é o que se busca evitar, mas, “ninguém está de fato seguro diante do desejo” (Pelúcio, 2017: 12), na medida em que o desejo encontra seus limites e possibilidades a partir da interação com o outro, não estando este passível de um exercício de controladoria.

O que está em cena na elaboração dos cálculos, critérios e investimentos afetivo-sexuais? Um controle estrito do tempo a fim de não o desperdiçar, um ambiente de abundância de opções que acaba por tornar os critérios de interação bastante elevados, centrados em um modelo de masculinidade hegemônica personificado na imagem do homem heterossexual, e investimentos ponderados que visam evitar a perda em uma espécie de controle do dispositivo libidinal em que demonstrar vulnerabilidade pode ser sinônimo de perda de tempo e de virilidade. O que está em cena é a manutenção de estruturas de poder que garantem benefícios a uns enquanto dominam outros, configurando o que Baptista (2018) chama de homossexualidade imperante.

Esse sistema microssocial, ainda que repleto de repressão e opressão exercidas pela camada dominante, reestabelece as regras e jogos de poder que validam as atitudes e os comportamentos desse grupo, o que nos leva a conceber a possível formação de uma homossexualidade imperante, que

4 Segundo Edgar Cabanas e Eva Illouz (2022: 78), “o *mindfulness* nos encoraja a crer que tudo dará certo se acreditarmos em nós mesmos, formos pacientes, não julgarmos demais e aprendermos a nos desapegar. Os treinadores de *mindfulness* instruem os clientes a se concentrar em suas paisagens interiores e autênticas, aceitar o momento presente e os sentimentos autênticos, aproveitar as pequenas coisas da vida, definir prioridades para seus interesses e ter atitudes positivas, despreocupadas e resilientes, independentemente do mundo exterior”.

5 O neoliberalismo é compreendido como sendo um tipo de racionalidade que organiza a gestão do capitalismo contemporâneo, atuando na produção de relações sociais e de subjetividades específicas. Segundo Dardot e Laval (2016: 17), “o neoliberalismo pode ser definido como o conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens segundo o princípio universal da concorrência”.

estabelece os papéis hierárquicos dentro desse pequeno grupo, de modo que gays que “fazem coisas de homem” encontram-se no topo dessa hierarquia, enquanto gays efeminados e travestis são segregados e excluídos (Baptista, 2018: 76).

Selecionar, adotar uma postura de suposto controle do desejo, calcular, garantir a previsibilidade das interações, otimizar os encontros, excluir as surpresas são recursos curriculares que acabam por transformar a paquera em um cálculo pedagógico hiper-racional e bastante solitário. Segundo Pelúcio (2017: 14), “o negócio dos aplicativos promete ser mais previsível, mas igualmente prazeroso. Administra-se tempo/espaço e prazer; regula-se os investimentos orgásticos (Pollak, 1987) a fim de obter o máximo de gozo”. Para que isso seja imaginado e desejado (não nessa mesma ordem) como possibilidade, esse local pedagógico segue uma espécie de universo paralelo promovido pelos provedores dos aplicativos:

um mundo livre da miséria, da peste, da fome, das datas de vencimento dos boletos bancários, da velhice, da demência, das enfermidades terrenas, dos parentes desagradáveis, da solidão, da tristeza, da gordura corporal, da morte, das frustrações e também das intermináveis e mal remuneradas horas de trabalho em condições precárias (Padilha, 2019: 122).

Não é por acaso que Rodrigo afirma: “Quando usa o aplicativo, você meio que não quer fugir do mundo, mas você quer conversar com alguém, você quer encontrar alguma coisa”. Contudo, em tempos de pressões diante de um posicionamento mais “politicamente correto” em termos das diferenças e das desigualdades, assume-se a necessidade de reconhecimento dos problemas enfrentados e ainda persistentes no que se refere à realidade desigual, preconceituosa e discriminatória em termos de gênero e sexualidade, mas ainda assim um currículo fundado no capitalismo afetivo prevalece. Márcio, nesse sentido, desabafa o conhecimento que tem sobre parte da realidade em que vive, ao mesmo tempo em que reforça a expressão de um desejo centrado na sua cama e em suas preferências:

Todo respeito pra quem discursa dizendo que foram as gays pintosas, foram as travestis que seguraram a bandeira, que lutaram pelos nossos direitos, que montaram uma Comissão de Frente e saíram em marcha pelas ruas exigindo respeito e dignidade para a comunidade LGBTQIA+. Beleza, tiro o meu chapéu para quem capitaneou essa luta. Tem todo o meu respeito, mas na minha cama eu tenho direito de fazer minhas escolhas, de ter minhas preferências. (Entrevista)

A visão de Márcio sobre o seu desejo é expressão de um roteiro pedagógico do desejo de uma sociedade centrada no individualismo e no imperativo da felicidade como uma forma de alcançar o nosso mais autêntico eu, um contexto que traz consigo “o trabalho em prol da legitimação, onipresença e potência da felicidade em si mesma como conceito, negócio, indústria e um estilo de vida consumista” (Cabanas & Illouz, 2022: 268).

O aparente controle do dispositivo libidinal, expresso na imagem de uma pessoa utilizando seu *smartphone* e com as pontas dos dedos realizando operações técnicas para lidar com demandas subjetivas e sociais, seja deletando ou bloqueando um contato, seja silenciando uma conversa, seja filtrando por meio de gostos, preferências e localização as pessoas com as quais deseja interagir, alimenta a crença de Márcio, de Rodrigo e de outros usuários de que o desejo pode ser manipulado a seu bel-prazer. “A

autonomia e a flexibilidade estão entre as habilidades mais valiosas de que os indivíduos devem se valer para poder prosperar na lógica instável, líquida e competitiva das corporações neoliberais” (Cabanas & Illouz, 2022:152).

Aí está um conteúdo curricular sobre o desejo que tem, na compreensão dos usuários de aplicativos, um valor importante nessas experiências afetivo-sexuais. O desejo seria visto por eles como uma propriedade, processo que Dardot e Laval (2016: 40) chamam de “racionalização empresarial do desejo” que consiste em um “fundamento normativo para a internalização de um trabalho de vigilância e controle baseado na autoavaliação constante de si a partir de critérios derivados do mundo da administração de empresas” (Safatle, 2021: 31). Com isso, entendemos que o currículo aqui em questão está para além dos interesses afetivo-sexuais, mas envolve uma dimensão cultural do capitalismo afetivo em sua produção dos afetos.

Essa compreensão não afasta a necessidade de pensarmos no discurso amoroso, ainda mais em contextos neoliberais em que a busca pela diferenciação se torna bastante superficial, na chave da valorização da diversidade. O discurso supostamente inclusivo que aparece sob a chave valorizada da diversidade é estampado na página principal do site do *Grindr*, conforme já informamos antes, da seguinte forma: “O maior aplicativo de rede social do mundo para gays, bi, trans e queer”. A promessa de inclusão não se cumpre por diferentes elementos que o aplicativo põe em jogo: quando o conteúdo curricular da plataforma engendra uma pedagogização do gênero a partir da exposição nas imagens publicitárias de uma masculinidade desejável; no recurso da geolocalização que coloca os usuários em contato com pessoas próximas e que conseqüentemente compartilham não só interesses em comum, mas um modo de vida similar, funcionando como uma tecnologia que visa facilitar o encontro entre iguais; no recurso dos filtros que criam redes relacionais seletivas que transformam a experiência da paquera em um jogo individualizado e assimétrico, reproduzindo uma série de desigualdades no campo das relações a partir da individualização do fracasso.

No *Tinder* não é diferente. Também na primeira página do seu site, lê-se sobre a pretensa “diversidade” presente no aplicativo, supostamente à espera de interação: “O Tinder não é um site de relacionamento comum, é o *app* de relacionamento com mais diversidade, onde adultos com experiências diferentes são convidados a criar conexões, memórias e muito mais” (Tinder, s.d). Muito semelhantemente ao *Grindr*, esse aplicativo anuncia uma proposta curricular da “inclusão”, apontando que “o *Tinder* agrada todo o mundo”. A primeira impressão pode ser realmente a de que “Não importa se você é hétero ou membro da comunidade LGBTQIA, o Tinder existe para te ajudar a encontrar *Matches* perto de você”, mas, na prática, no processo pedagógico de funcionamento do aplicativo, conforme os próprios entrevistados nos contam, a interação é entre iguais.

Também no site do aplicativo, na seção “Saiba mais”, como resultado à pergunta “Então, por que escolher um *app* de relacionamento como o *Tinder*?”, são listadas 10 respostas. Uma delas, em especial, relativa à “inclusão” nos chamou atenção:

*Diferentemente de sites como o Bumble, o Tinder não filtra resultados com base em altura, escolaridade, raça ou religião. Isso porque achamos que esses dados demográficos não definem uma pessoa. Acreditamos que todo mundo tem o direito de ser visto e de dar o primeiro passo, não importa*

*como essa pessoa se identifica. No nosso app, colocamos todas as pessoas para você ver e deixamos que você escolha com quem quer conversar (Tinder, s.d).*

Sabemos que essa promessa é parcialmente verdadeira. Embora uma gama de pessoas apareça, de fato, na grade do perfil de cada usuário, elas costumam ser bastante parecidas, haja vista o aplicativo utilizar o critério da geolocalização, o que faz com que cada usuário visualize somente os perfis que estão mais próximos geograficamente. A implicação disso é que manteremos contato somente com pessoas que possuem um perfil socioeconômico próximo do nosso. Outro ponto que desmente a promessa divulgada no site de que “o aplicativo não filtra resultados com base em altura, escolaridade, raça e religião” é que todo aplicativo hoje é regido por um cálculo algorítmico que, se não determina nossos usos, torna-os limitados a partir de uma avaliação prévia, que a inteligência artificial opera através de cada clique que fazemos.

Conforme já apresentado, o papel da alteridade está fragilizado por lógicas comerciais dos/nos encontros com os “outros” (mais semelhantes do que diferentes, portanto, pouco ou nada diversos). Nesse sentido, é preciso destacar a falta de investimento curricular na produção das diferenças e não na aceitação da “diversidade”.

Afinal, em termos de conteúdo cultural, sabemos que muitas vezes “a diversidade serve a uma concepção horizontal de relações sociais que têm como objetivo evitar a divergência e, sobretudo, o conflito” (Miskolci, 2016: 52). Como ensina Barthes (1984), o discurso amoroso pressupõe o reconhecimento do outro como “atopos”, que significa aquilo que é inclassificável e que possui uma originalidade sempre imprevisível. Ver o objeto de amor como atopos, como singular e incomparável a qualquer outra pessoa constitui uma das condições para o surgimento do amor. “Pela impossibilidade de enxergar outras pessoas como ‘atopos’, todos se tornam iguais, e, portanto, podem ser comparados um ao outro o tempo todo. Não há ninguém que seja incomparável.” (Han, 2017: 9). Esse tipo de conteúdo, presente no contexto do capitalismo afetivo,

oblitera logo de saída qualquer referência ao inconsciente – que por definição implica uma falta de agência ao supor que certos aspectos da psique estão fora do alcance dos indivíduos. Ele é substituído pela ideia de que a psique é em sua totalidade cognoscível, propensa ao escrutínio matemático e aberta à manipulação do próprio indivíduo (Cabanas & Illouz, 2022: 185).

Ao estabelecer uma série de restrições em suas possibilidades de interação, Rodrigo, Márcio e tantos outros usuários dos aplicativos *Grindr* e *Tinder* ficam de fato com muito pouco, pois o que eles buscam é justamente o amor, mas a experiência do amor pressupõe precisamente uma abertura para o outro. Afinal, “o amor é justamente a alteridade da outra pessoa. Estar apaixonado é enxergar uma pessoa como absolutamente outra, incomparável, única, sem igual, *sui generis*” (Stromquist, 2021: 17). Talvez esteja aí uma dimensão curricular ainda a se descobrir na contramão da pedagogia dos aplicativos: a limitação de conteúdo no modo como se ensina em termos de capital afetivo na era digital, que não favorece o aprendizado de se abrir para a alteridade e, com isso, encontrar o amor, nos termos aqui teorizados, nas relações afetivo-sexuais.

Nesse sentido, há a necessidade de conhecimentos que não sejam novos simplesmente, mas disruptivos (Kumashiro, 2000). Não se trata de mais informações, de mais conteúdo curricular, em uma cobrança neoliberal por sempre mais conhecimento; antes, de ensinamentos que tornam conhecidos os modos de produção das diferenças, que indicam o papel da alteridade em detrimento das lógicas comerciais dos desejos e afetos, sem que necessariamente se deixe de usar os aplicativos em busca de encontros afetivo-sexuais, mas que se proponha uma nova gramática curricular e pedagógica possível. Afinal, “o currículo, como um espaço de significação, está estreitamente vinculado ao processo de formação de identidades sociais” (Silva, 2001: 27).

Assim, a escolha por um parceiro amoroso é baseada em conhecimentos acumulados e implícitos, experiências anteriores e “uma sensação” (Illouz, 2011). Segundo Illouz, trata-se de uma decisão orientada pelos palpites em vez das informações. Esse tipo de escolha, segundo ela, sofreu um tipo de inflexão, perdendo o seu caráter intuitivo e assumindo a qualidade de uma escolha racional. Para Illouz (2011), essa mudança se deu a partir da consideração de quatro fatores: 1) a cientificação de tudo na sociedade; 2) a influência da psicologia que passou a instilar nas pessoas uma análise racional dos seus comportamentos; 3) a nossa predileção por especialistas que explicam as coisas por nós; e 4) a expansão da sociedade de consumo, que nos faz agir como maximizadores de utilidades até nas nossas relações com o outro. Sendo ela histórica, inegavelmente, seguirá curricular e pedagogicamente em mudança. Aí a importância da crítica disruptiva a esses processos e às experiências que eles produzem e que produzem eles mesmos.

## Considerações finais

Ao descrever o funcionamento do *Happify*, “aplicativo que propõe atividades, exercícios e jogos com o intuito de aumentar os níveis de felicidade” (Equipe Digilândia, 2020). Cabanas e Illouz (2022: 194-195) afirmam:

Esses aplicativos reificam a interioridade. Ao propor a captura e a quantificação da psique dos usuários com precisão cirúrgica, eles conferem uma aparência externa à interioridade e a retratam de forma objetiva com o auxílio de imagens, números, tabelas e gráficos coloridos.

Algumas características presentes no *Happify* se aproximam das dos aplicativos aqui investigados, de busca de parceiros. O processo de pedagogia das interações pautado em métodos de quantificação, avaliação, comensuração e cálculo da subjetividade emerge em um contexto em que as emoções estão no centro do modo de ser do cuidado pessoal nas sociedades neoliberais. Gerir e administrar seguindo um roteiro pedagógico e curricular prévio constitui uma maneira de instituir modelos de masculinidade e formas de relações sociais. Esses artefatos tecnológicos instituem pedagogias culturais e afetivas pautadas em modelos disseminados não só pela indústria em uma era digital, mas também por essa nova versão plataformizada do capitalismo. Incorporando um modo de ser proposto por esse currículo pedagógico, os usuários fabricam sua masculinidade a partir do constante aprimoramento do eu, da curadoria de sua imagem pessoal e do controle hiper-racional do tempo. Nesse sentido, não correr

risco parece estar diretamente ligado a processos que minimizam o papel da alteridade, exatamente diante de uma certa valorização neoliberal da diversidade, longe de apontar para processos de produção das diferenças em termos disruptivos das relações de poder. Isto é, são conhecimentos em termos de gênero e sexualidade que alocam homens em contextos imagéticos tidos como mais desejados, buscados e, portanto, valorizados.

Contudo, o que essa pedagogia-curricular emocional deixa escapar é a consideração de que as emoções não são o resultado de um cálculo hiper-racional e individual, na medida em que elas “são formas de definição e negociação das relações sociais” (Cabanas & Illouz, 2022: 240). O tipo de pedagogia-curricular emocional que essas plataformas instituem tem, em alguma medida, transformado a paquera em um cálculo didático-pedagógico hiper-racional e bastante solitário. Os dois usuários apresentam os limites desse espaço pedagógico – seja quando, diante da quantidade de usuários, Rodrigo se depara com a impossibilidade de escolher alguém para interagir, seja quando Márcio alimenta a crença, estimulada pelos usos dessas plataformas de busca, de que o desejo pode ser manipulado ao seu bel-prazer, o que acaba por inviabilizar suas interações com outros usuários, na medida em que o atual momento cultural de individualismo afeta ainda mais o desejo que deve ser satisfeito “aqui e agora”. O desejo é tratado como uma instância estritamente individual, não há espaço para o outro, apenas para aqueles que conseguem se enquadrar nos critérios previamente definidos, tornando cada vez mais difícil um deslocamento do campo estratégico para o afetivo e, em especial, amoroso. Como afirma Illouz (2011: 157), “não se trata que a tecnologia da rede empobreça a vida pessoal e afetiva, mas que ela cria possibilidades sem precedentes de sociabilidade e relacionamentos, porém os esvazia dos recursos afetivos e corporais que até hoje os ajudavam a se sustentar”.

Mais que uma visão pessimista das relações de buscas afetivo-sexuais em aplicativos, buscamos apontar o quanto a masculinidade em locais pedagógicos como os produzidos em contextos neoliberais da era digital são produzidas e produtoras de certo modo pedagógico-curricular emocional altamente arriscado para a valorização das diferenças por meio da alteridade. Dito de outro modo, sob formas pedagógicas relativamente distintas, *Grindr* e *Tinder*, por meio de uma promessa publicitária, “vendem” a ideia de inclusão pela diversidade. Mas pelo que pudemos observar a partir dos modos de uso desses dois entrevistados e suas interações digitais nesses aplicativos, essa promessa é falha, pois, o que identificamos através das entrevistas, foram formas de uso pautadas curricularmente em gostos, preferências e na escolha permanente que culmina em apagamento de certas diferenças. Isso acontece uma vez que, considerando essas plataformas como tecnologias de produção de um modelo hegemônico de masculinidade centrado na cultura heteronormativa da discricção, o não envolvimento e a violência ainda se constituem como as formas legítimas dos homens expressarem suas emoções. Isso se opera no contexto de uma cultura que ainda refletiu muito pouco sobre a força das estruturas sociais e que, por isso, oferece pouco espaço para os homens exercerem outras formas de masculinidade. Nesse cenário, que inclui o machismo, relações de gênero assimétricas e um modelo que aposta no neoliberalismo e na meritocracia constituindo subjetividades específicas, algumas estruturas ainda se mantêm muito sólidas.

*Tiago Duque é Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), professor na Faculdade de Ciências Humanas (FACH) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), líder do Impróprias - Grupo de Pesquisa em Gênero, Sexualidade e Diferenças (UFMS/CNPq) e Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq Nível 2 - Área de Educação.*

*Mário Fellipe Fernandes Vieira Vasconcelos é mestre, doutor e pós-doutorando em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará. É psicanalista, professor na pós-graduação da Universidade de Fortaleza e autor dos livros Meetidos: o monta/desmonta de Corpos, performances e identidades gays na boate Meet (editora Multifoco) e Cinemão: encruzilhada de desejos e sensações (Edições UFC).*

## REFERÊNCIAS

- Baptista, R. F. (2018). Masculinidades em aplicativos de encontros gays: Análise da negociação das masculinidades e da autorrepresentação dos corpos. *Áskesis*, 7(1), 68–78. <https://doi.org/10.46269/7118.284>
- Barthes, R. (1984). *A câmara clara: Nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bloomberg. (2022). Grindr, app de encontros mais popular na comunidade gay, vai estrear na Bolsa valendo US\$ 2,1 bi. *O Globo* [on-line], Rio de Janeiro, 09 maio 2022. Economia-Negócios.
- Cabanas, E., & Illouz, E. (2022). *Happycracia – Fabricando cidadãos felizes*. Tradução Humberto do Amaral. São Paulo, Ubu Editora. Edição do Kindle.
- Connell, R., & Messerschmidt, J. (2013). “Masculinidade hegemônica: repensando o conceito”. *Revista Estudos Feministas*, 21(1), 241-242. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>
- Dardot, P., & Laval, C. (2016). *A nova razão do mundo: Ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Editora Boitempo.
- De Lauretis, T. (1994). “A tecnologia de gênero”. In: HOLANDA, H. B. de (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica cultural*. Rio de Janeiro, Rocco.
- Duarte, L. F. D. (1999). O império dos sentidos: Sensibilidade, sensualidade e sexualidade na cultura

ocidental moderna. In Heilborn, M. L. (org.). *Sexualidade: O olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Zahar.

Duque, T. & Seffner, F. (2022). A epistemologia do segundo armário: canais de gays HIV+ no YouTube como artefatos pedagógicos. *Vivência: Revista de Antropologia*, 1(60), 9–115. <https://doi.org/10.21680/2238-6009.2022v1n60ID30036>

Equipe digilândia. (2020). 13 aplicativos para cuidar da saúde mental no trabalho. <https://digilandia.io/trabalho/aplicativos-para-saude-mental-no-trabalho/>

Illouz, E. (2011). *O amor nos tempos do capitalismo*. Rio de Janeiro: Zahar.

Illouz, E. (2012). *Porque duele el amor? Una explicación sociológica*. Madrid, Katz Editores.

Grindr. (s.d.). “O maior aplicativo de rede social do mundo para homens gays, bissexuais, pessoas trans e queer”. <https://www.grindr.com/about>.

Han, B. (2017). *Agonia do Eros*. Petrópolis, RJ: Vozes. <https://doi.org/10.7551/mitpress/11054.001.0001>

Han, B. (2018). *No Exame: Perspectivas do digital*. Petrópolis: Vozes.

Han, B. (2021). *O desaparecimento dos rituais: Uma topologia do presente*. Petrópolis: Vozes.

Haraway, D. (1995). Saberes localizados: A questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, Campinas, 5, 7–41.

Kumashiro, K. K. (2000). Toward a theory of anti-oppressive education. *Review of Educational Research*, Washington, 70(1), 25–53. <https://doi.org/10.3102/00346543070001025>

Latour, B. (2012). *Reagregando o social: Uma introdução à teoria do ator-rede*. Salvador: EDUFBA.

Lipovetsky, G. (1983). *A Era do Vazio: Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa: Relógio D'água.

Marques, R. (2015). *Cariri eletrônico: Paisagens sonoras no Nordeste*. São Paulo, Intermeios.

Melo, L. P. de. (2020). Aids, tempo e suas renitências: Socialidades, emoções e políticas em uma rede social on-line. *Cadernos de Campo*, 29(2), 1–23. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v29i-2pe179821>

Miskolci, R., Pelucio, L. *Aquele não mais Obscuro Objeto do Desejo*. São Paulo, SP, 2008. (Prefácio, Pós-fácio/Prefácio).

Miskolci, R. (2016). *Teoria Queer: Um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica Edi-

tora: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto.

Miskolci, R. (2017). *Desejos digitais: Uma análise sociológica da busca por parceiros on-line*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Morelli, F., & Pereira, B. (2018). A pornificação do corpo masculino: Notas sobre o imperativo das imagens na busca entre homens por parceiros on-line. *Civitas: Revista de Ciências Sociais*, 18(1), 187–203. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2018.1.28450>

Mota, D. L., & Couto, E. S. (2019). Filé e Mocotó: Pedagogia dos corpos e homossexualidades no Scruff. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 14(3), 1100–1110. <https://doi.org/10.21723/riaee.v14i3.11907>

Padilha, F. A. (2019). *Entre macacos velhos e queerpiras: Uma etnografia por entre as interfaces dos serviços comerciais de busca por parceiros online no interior paulista*. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

Pais, J. M. (2016). *Nos rastros da solidão: Deambulações sociológicas*. Berlin: GD Publishing/Edições Machado.

Passamani, G. R. (2015). O casamento como “armário”: Histórias de um homem com conduta homossexual no Pantanal de Mato Grosso do Sul. *Sexualidad, Salud y Sociedad*. 21, 111–135. <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2015.21.07.a>

Pelúcio, L. (2017). Um flerte com a normalidade. In R. Miskolci. *Desejos digitais: Uma análise sociológica da busca por parceiros on-line* (pp. 11-16). Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Pelúcio, L. (2019). *Amor em tempos de aplicativos: Masculinidades heterossexuais e a nova economia do desejo*. São Paulo: Annablume.

Pelúcio, L., & Vasconcelos, M. F. F. V. (2020). Amor em tempos de aplicativo: Entrevista com a antropóloga Larissa Pelúcio. *Cadernos de Campo*, 29(2), 1–19. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v29i2pe175150>

Pelúcio, L. (2022). A uberização do amor: aplicativos de encontros em cenário tecnoliberal e pandêmico. *TOMO*, 41, 199-232. <https://doi.org/10.21669/tomo.vi41.17480>

Poell, T., Nieborg, D., & Van Dijck, J. (2020). Plataformização. *Fronteiras – Estudos midiáticos*, 22(1), 2–10. <https://doi.org/10.4013/fem.2020.221.01>

Pollak, M. (1987). A homossexualidade masculina ou a felicidade no gueto? In: ARIÉS, P. & BÉJIN, A. (Org.) *Sexualidades ocidentais*. São Paulo: Brasiliense.

Sabat, R. (2001). Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. *Estudos Feministas*, 9(1), 04–21. <https://doi.org/10.1590/S1518-07172001000100002>

doi.org/10.1590/S0104-026X2001000100002

Safatle, V. (2021). A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral. *In: Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. São Paulo: Autêntica.

Santos, S. C. dos. (2021). Tinder: Uma etnografia sobre encontros, socialidades e experimentações de si. *Mana*, 27(2), 1–32. <https://doi.org/10.1590/1678-49442021v27n2a206>

Saraiva, L. A. S. & Vasconcelos, M. F. F. V. (2021). A solidão como negócio: sexualidade e práticas organizativas de usuários de aplicativos de relacionamento gay no Brasil. *In: IV Congreso Internacional de la Red de Posgrados de Investigación Latinos en Administración y Estudios Organizacionales*. México. Anales del IV Congreso Internacional de la Red de Posgrados de Investigación Latinos en Administración y Estudios Organizacionales, 1-16.

Saraiva, L. A. S. & Vasconcelos, M. F. F. V. (2023). A economia digitalizada dos corpos em aplicativos de relacionamento gay. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, 44, 1-10. <https://doi.org/10.4025/actascihumansoc.v44i3.67004>

Seffner, F. (2016). *Derivas da masculinidade: Representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual*. Jundiaí: Paco.

Sibilia, P. (2015). *O homem pós-orgânico: A alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Contratempo.

Silva, T. T. da. (2001). *O currículo como fetiche: A poética e a política do texto curricular*. Belo Horizonte: Autêntica.

Souza, C. C. & Duque, T. (2020). “Alguém afim?": Uma etnografia-online em salas de bate papo na fronteira Brasil-Bolívia. *Revista de Antropologia*, 63, 1–19. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2020.170814>

Steinberg, S. R. (1997). Kindercultura: Construção da infância pelas grandes corporações. In H. da Silva, J. C. Azevedo, & E. S. dos Santos. *Identidade social e a construção do conhecimento* (pp. 98-145). Porto Alegre: Ed. Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre – Prefeitura Municipal de Porto Alegre.

Stromquist, L. (2021). *A rosa mais vermelha desabrocha: O amor nos tempos do capitalismo tardio ou por que as pessoas se apaixonam tão raramente hoje em dia*. São Paulo: Quadrinhos na Cia.

Tinder. (s.d.). “Um aplicativo de namoro online e rede geossocial”. <https://tinder.com/pt/about>.

Vasconcelos, M. F. F. V. & Pelucio, L. (2019). ‘Direto e Sem enrolação’: a expressão do desejo ho-

moerótico e a economia libidinal toyotista nos perfis do Scruff. *In: 19a. Congresso Brasileiro de Sociologia, 2019, Florianópolis. Anais do 19a. Congresso de Sociologia - em que sociedade vivemos?*. Brasília: SBS, 01, 01-24.

Vasconcelos, M. F. F. V. (2023). *Direto ao ponto: uma análise da busca de parceiros no Grindr e no Scruff no contexto do neoliberalismo*. [Tese de doutorado não publicada]. Universidade Federal do Ceará.

Velho, G. (2003). *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas* (3ª edição). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Zago, L. F. (2013). “Armários de vidro” e “corpos-sem-cabeça” na biossociabilidade gay online. *Interface*, 17(45), 419–31. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832013005000005>

## **APLICATIVOS DE RELACIONAMENTO COMO ARTEFATOS CULTURAIS TECNOLÓGICOS: MASCULINIDADES EM TEMPOS DE APAGAMENTO DAS DIFERENÇAS**

**Resumo:** Neste artigo, analisamos as experiências de homens que usam aplicativos de encontros afetivo-sexuais, especialmente aqueles voltados para o público gay, levando em consideração o currículo e a pedagogia cultural que está presente nessa produção generificada de si e de outros usuários desses artefatos culturais tecnológicos. Entendemos que esses artefatos tecnológicos instituem pedagogias culturais e afetivas pautadas em modelos disseminados não só pela indústria cultural em uma era digital, mas também por uma nova versão plataformizada do capitalismo. Foram analisadas duas entrevistas realizadas com usuários do *Grindr*, um aplicativo de encontros afetivo-sexuais. Os dados obtidos nos possibilitaram pensar a relação entre a produção atual das masculinidades e o contexto do capitalismo afetivo. Concluimos que o tipo de pedagogia-curricular emocional que essas plataformas instituem tem, em alguma medida, transformado a paquera em um cálculo didático-pedagógico hiper-racional e bastante solitário, culminando em diversas formas de apagamento das diferenças.

**Palavras-chave:** antropologia e educação; masculinidade; pedagogia; homossexualidade; internet.

## **RELATIONSHIP APPS AS TECHNOLOGICAL CULTURAL ARTIFACTS: MASCULINITIES IN TIMES OF ERASURE OF DIFFERENCES**

**Abstract:** In this article, we analyze the experiences of men who use affective-sexual dating apps, especially those aimed at the gay public, taking into account the curriculum and cultural pedagogy that is present in this gendered production of themselves and other users of these technological cultural artifacts. We understand that these technological artifacts institute cultural and affective pedagogies based on models disseminated not only by the cultural industry in a digital age, but also by a new platformed version of capitalism. We analyzed two interviews conducted with users of Grindr, an application for affective-sexual encounters. The data obtained enabled us to think about the relationship between the current production of masculinities and the context of affective capitalism. We conclude that the kind of emotional-curricular pedagogy that these platforms institute has, to some extent, transformed flirting into a hyper-rational and rather solitary didactic-pedagogical calculus, culminating in various forms of erasure of differences.

**Keywords:** anthropology and education; masculinity; pedagogy; homosexuality; internet.

## **APLICACIONES DE RELACIÓN COMO ARTEFACTOS CULTURALES TECNOLÓGICOS: MASCULINIDADES, CURRÍCULUM Y PEDAGOGÍA EN TIEMPOS DE CAPITALISMO AFECTIVO**

**Resumen:** En este artículo analizamos las experiencias de los hombres que utilizan aplicaciones de citas afectivo-sexuales, especialmente aquellas dirigidas al público gay, teniendo en cuenta el currículo y la pedagogía cultural que está presente en esta producción generizada de sí mismos y de otros usuarios

de estas tecnologías artefactos culturales. Entendemos que estos artefactos tecnológicos establecen pedagogías culturales y afectivas basadas en modelos difundidos no solo por la industria cultural en la era digital, sino también por una nueva versión plataforma del capitalismo. Se analizaron dos entrevistas realizadas a usuarios de Grindr, una aplicación de citas afectivo-sexuales. Los datos obtenidos ayudaron a pensar la relación entre la producción actual de masculinidades y el contexto del capitalismo afectivo. Concluimos que el tipo de currículo-pedagogía emocional que instituyen estas plataformas ha transformado, en cierta medida, el coqueteo en un cálculo didáctico-pedagógico hiperracional y bastante solitario, que culmina en diversas formas de borrar las diferencias.

**Palabras clave:** antropología y educación; masculinidad; pedagogía; homosexualidad; internet.

RECEBIDO: 30/09/2022

ACEITO: 21/04/2023

APROVADO: 01/10/2024



Este é um material publicado em acesso aberto sob a licença *Creative Commons BY-NC*